APRESENTAÇÃO

Quando se edita uma nova revista, principalmente em moldes artesanais, existe um momento, mágico, que parece recompensar toda a trabalheira dispendida em sua confecção: é quando o primeiro número - a despeito das inimagináveis dificuldades - chega às mãos dos leitores. A aceitação por parte destes últimos dependerá, evidentemente, da qualidade de suas matérias, da seriedade dos articulistas, da novidade das resenhas, da apresentação gráfica, entre outros fatores.

Mas na cabeça de uns e outros, os produtores e os consumidores, logo medra, insidiosa, uma dúvida. Que diz respeito a algo que não está em pauta, nem tem relação com o conteúdo recém editado. Está no horizonte, próximo ou distante: é o segundo número. A maldição do segundo número.

É uma verdadeira síndrome, e que Cadernos de Campo, a revista dos alunos de pós-graduação em Antropologia, acaba de exorcizar. Trata-se de um feito que merece tanto ou mais comemoração do que a própria iniciativa, muitas vezes consequência de entusiasmo momentâneo. Encarar as tarefas da continuidade, aí é que são elas.

Como ressaltar, na apresentação, o verdadeiro alcance deste fato? Uma alternativa seria analisar a relevância, coerência e oportunidade dos artigos, procurando estabelecer comparações com os anteriores. Mas isto o leitor, com certeza, fará. Talvez então se pudesse perguntar se a revista, do primeiro número a este, mantém o padrão a que se propôs; e não apenas em termos de qualidade, mas de formato, de marca, de feição característica.

Uma revista como esta, idealizada e editada em esquema não profissional - fruto da colaboração, boa vontade e do tempo de seus realizadores - possui objetivos e propósitos definidos em função das preocupações e interesses tanto dos que a fazem como daqueles aos quais se dirige. O segredo de sua continuidade está em manter-se fiel a esse formato, que termina sendo reconhecido como sua marca.

Qual é a marca de Cadernos de Campo? É possível identificar, aqui e ali, os elementos responsáveis por seu contorno peculiar, e capazes de consolidá-lo?

Uma primeira característica: a temática geral é de corte e interesse antropológicos, como era de esperar-se; mas as contribuições vêm também de vários lugares e pontos de vista: da ciência política, da filosofia, da história, da biologia. O que significa? O reconhecimento da necessidade de que outros olhares voltem-se para

nossa seara - etnologia indígena, antropologia urbana, rural... O recorte pode parecer antiquado, não assim o esforço em buscar o diálogo com outras abordagens, com o quê se evitam o enclausuramento, a endogamia, as cômodas certezas.

Quem assina os artigos, os informes, as comunicações, as resenhas? Principalmente alunos da pós-graduação de Antropologia, mas também de outras áreas. Aparecem alguns professores, o que é bom, e também alunos de graduação, o que é melhor ainda: a revista, além de, neste caso, constituir um dos poucos espaços abertos a iniciantes, abre-se para uma forma de diálogo que leva em conta experiências intelectuais e de trabalho diferentes. E realizadas em diferentes instituições, como comprova a origem dos autores, em ambos os números.

Apreciando, por sobre esta grade, o conjunto da revista, é possível então vislumbrar a presença de um fio condutor que atravessa todo o texto e que explica as escolhas. Consciente ou inconscientemente, são as perguntas, dúvidas e reflexões de pós-graduandos às voltas com o trabalho de campo e questões teórico-metodológicas - em busca de categorias, quadros de referência, novos enfoques - que funcionam como o mecanismo de seleção/combinação subjacente à linha editorial. A revista, desta forma, constitui um espaço onde é possível contar o que se está fazendo, saber o que outros estão inventando, ter acesso ao que se escreve em outros lugares, apreciar as diferenças e exercitar o debate - o que permite, sem dúvida, percorrer com mais proveito essa fase, *liminar*, que é o tempo da pós-graduação.

A prova da autenticidade - e promessa de longevidade - de Cadernos de Campo está em reconhecer e apostar nessa sua marca que vai se delineando, e que se consolidará, sempre que ancorada firmemente na dinâmica do conjunto dos alunos de mestrado e doutorado do programa de Antropologia Social.

José Guilherme Cantor Magnani